

As fronteiras, os limites e os dilemas do ser e fazer em psicanálise.

Analisar, disse Freud, é uma das tarefas impossíveis. Dificilmente esta frase não foi alguma vez repetida por muitos de nós. Entretanto, se por um lado o trabalho do analista apresenta uma carga considerável de toxicidade, por outro, oferece uma enorme possibilidade de expansão da mente e da vida emocional.

Quantas vidas nos é possível vi-ver com os pacientes ao longo da odisseia psicanalítica? A quantos lugares, personagens, ideias, histórias somos apresentados? Quantas e quantas vezes nos surpreendemos ao abrir ou fechar a porta?

Somos analistas com o que somos. Buscamos conhecer a teoria, pesquisar, estudar, trocar ideias, articular nosso saber com outros saberes, fazer análise e reanálise pessoal, empreender processos de autoanálise. No entanto, continuamos sendo analistas com o que somos.

Temos limites, assim como a Psicanálise também os tem. Afligimo-nos quando, em uma análise, parece que nada acontece, tal a força mortífera que toma conta da dupla. Angustiamo-nos, igualmente, quando por excesso de entendimento deixamos de compreender os pacientes. É pouco o que podemos saber e alcançar. E, ao mesmo tempo, é tanto.

Em determinados momentos conseguimos investir nas instituições que nos cercam, nos deixamos penetrar pela cultura, pelos problemas da nossa tão sofrida sociedade, pela crueza do mundo. Em outros, nos recolhemos, concentramos a libido na clínica, defendemos nosso *setting* (interno) como podemos, para seguirmos analistas mantendo a humanidade.

Vivemos o dilema de lidar com as fronteiras que delimitam a vida e a morte, a saúde e a doença, o coletivo e o individual, o conhecido e o desconhecido, o prazer e a realidade, o psíquico e o somático, a necessidade e o desejo, o sonho, a busca por uma verdade.

Este número passeia por várias *Fronteiras* presentes na teoria e na prática da Psicanálise, assim como na interface desta com a política, a literatura, a música e o cinema. Optamos por não traduzir para o português os

textos escritos originalmente em espanhol e em inglês e, mesmo sabendo das possíveis dificuldades, convidamos o leitor para se aventurar em territórios não tão familiares.

Os entrevistados deste número – Benilton Bezerra Jr., Maria Inês Escosteguy Carneiro e Mariano Horenstein – forneceram, com suas respostas, a possibilidade de reflexão sobre temas tão ricos a nós: as fronteiras entre as diversas teorias que, desde Freud até hoje, buscam compreender o sofrimento psíquico; as fronteiras, limites e mudanças na nossa prática; os impactos da realidade social no *setting*; e, finalmente, as transformações nas instituições psicanalíticas com o questionamento sobre as hierarquias.

Conseguimos, como desejávamos, um número bastante plural.

Em “A propósito da noção de fronteiras”, após uma reflexão sobre os conceitos de fronteiras e limites, Marília Aisenstein discorre sobre a origem dos conceitos de genocídio e de crime contra a humanidade.

Nydia Lisman-Pieczanski traz vivências de perdas e dor como temas centrais, ao relatar sua experiência clínica relacionada a interrupções abruptas do processo de análise, impostas por um contexto de violência política que resulta na emigração forçada da analista. Alberto Pieczanski e Adriana Prengler abordam, também através de experiências de consultório e pessoais, o custo emocional vivido ao se cruzar fronteiras para tentar se estabelecer em novos territórios, quase sempre demandando novas configurações psíquicas.

No artigo “A morte do pai e a resolução simbólica do assassinato edípico. Transitando por fronteiras psíquicas”, Bernard Miodownik parte de “Totem e Tabu” e de textos de Italo Svevo, Giuseppe Berto, Paul Auster e Philip Roth para discutir as especificidades da simbolização da fantasia do assassinato edípico em cada relação pai-filho, assim como o papel da mãe nessas configurações.

Sergio Almeida propõe, em “O fenômeno psicótico essencial”, uma discussão sobre a existência ou não do Inconsciente nas psicoses, sobretudo nos pródromos da esquizofrenia.

A desafiante questão da diversidade sexual na prática psicanalítica é abordada por Adriana Pontelli em seu artigo intitulado “Obstáculos, limites e fronteiras da prática psicanalítica diante da diversidade sexual e de gênero”.

“Entre-mentes: a fronteira como habitat humaniza-dor”, artigo de Ana Belchior Melícias, oferece uma profunda reflexão sobre como a reverie do processo analítico pode favorecer a criação de fronteiras psíquicas.

No artigo intitulado “Justo a mim coube ser eu: fronteiras da individualização”, Eduardo Rocha Zaidhaft e Michelle Christof Gorin oferecem uma refle-

xão sobre o processo de individuação, segundo a teoria da transicionalidade de Winnicott, ilustrando suas ideias com uma vinheta clínica.

Nas fronteiras e diálogos entre diversas teorias temos, José Luiz F. Petrucci estabelecendo um possível debate entre as ideias de Sigmund Freud e de Melanie Klein sobre as relações entre angústia e pulsão de morte. Temos, também, Daniel Migliane Vitorello discutindo a noção de trauma e sua relação com a mentira a partir das teorias de Ferenczi e de Lacan.

Em “Fronteiras entre Psicanálise e Música”, Victor Di Francia Alves de Melo faz um paralelo entre a música de Beethoven e a teoria freudiana. Para ele, “as notas graves de Beethoven parecem ser as notas graves na vida de qualquer sujeito”.

“Contemporaneidade e campo psicanalítico: articulações com o fazer político” é o trabalho de Maria Regina Maciel, o qual discorre sobre as mudanças nos processos subjetivos na contemporaneidade, fazendo uma relação com as novas formas mais horizontalizadas de fazer política.

Nas fronteiras da psicanálise com a literatura e com o cinema o número traz diversos trabalhos.

Guillermo Julio Montero cunha o termo “madurescência”, e faz uma leitura de “Grande Sertão: Veredas”, em que o leitor é percebido como estando no lugar do analista a quem o personagem principal, Riobaldo, vai contando a sua vida.

Em “Gilgamesh, nas fronteiras entre o animal e o humano. O rei de Uruk e a luta pela imortalidade”, de Maria Livia Marchon e Paulo Marchon, somos convidados a pensar na morte e sua simbologia, e na eterna busca humana pela imortalidade.

“Um convite ao viver criativo: voando fora da asa com o psicanalista e o poeta” é o título do artigo de Joana Chissini, Paula Melgaço e Regina Murat, que desenvolve o conceito de criatividade em Winnicott através de uma brincadeira: o diálogo inventado entre o psicanalista inglês e o poeta Manoel de Barros.

Através de suas resenhas, Alicia Beatriz Dorado de Lisondo e Aurea Lowenkron despertam a nossa curiosidade para a leitura de dois livros, respectivamente: “A vida?... é logo ali” de David Léo Levisky e “Janelas da psicanálise: transmissão, clínica, paternidade, mitos, arte”, de Fernando Rocha.

“Águas passadas ainda movem moinhos e reforçam fronteiras intransponíveis”, nos diz Luiz Fernando Gallego em seus comentários sobre o filme *O Insulto*, produção franco-libanesa de 2017, dirigida por Ziad Doueri.

“Unheimlich! Aprender hebraico me coloca em um lugar bom e desconfortável”, diz Simone W. Rothstein, em emocionado depoimento, no qual compartilha sua recente experiência migratória.

Desejamos a todos uma prazerosa leitura!

As editoras

Karla Ramos Loyo

Maria Noel Brena Sertã